

Trânsito entre ficção e realidade em *Os tecelões*, de Gerhart Hauptmann

Denise ROCHA (Pós- Doutoranda –FFLCH, USP) rochade@femanet.com.br

RESUMO: Baseado em um fato verídico, a revolta dos trabalhadores de tear manual, ocorrida em 1844, na região da Serra da Coruja, em Schlesien, Gerhart Hauptmann (1862-1946) concluiu seu drama naturalista, *Os tecelões*, no final de 1891, inicialmente, em dialeto. Intelectual engajado com as causas sociais, ele esteve em Langenbielau para pesquisar fontes escritas e testemunhais do levante, a fim de tornar verídica a sua obra, e, esclarecer o leitor/ expectador sobre a cruel exploração capitalista e a pouca interferência do governo diante da miséria local. Devido às suas denúncias literárias, Hauptmann sofreu ataques pessoais, e, travou uma longa luta com os órgãos da censura. A encenação, no 25 de setembro de 1894, no *Deutschen Theater*, em Berlim, foi tão tumultuada que o Imperador Wilhelm II cancelou o camarote imperial, por causa do “tom revolucionário” e da “tendência desmoralizante” da peça. Em 1896, ele recusou o Prêmio Schiller ao autor que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1912.

Palavras-chave: Teatro alemão naturalista; Gerhart Hauptmann; fato histórico; pesquisa local; capitalismo.

Introdução

No ano de 1890, após uma colheita desastrosa, os pequenos agricultores meeiros, em *Peterswaldau* e *Landenbielau*, na província de *Schlesien* [Silésia], próxima a Berlim (Prússia), que, também, trabalhavam com o tear manual para grandes fabricantes, se encontravam, novamente, em estado de miséria. Tal fato calamitoso, noticiado pela imprensa alemã, assemelhava-se aos acontecimentos, que provocaram a “Revolta dos tecelões silesianos de 1844”, ocorrida na mesma região da Serra da Coruja.

Neto de um tecelão local, o escritor Gerhart Hauptmann (1862-1946) foi, duas vezes, na primavera de 1891, até *Langenbielau*, para pesquisar e entrevistar testemunhas, a fim de dar grau de veracidade à planejada peça teatral, como forma de denúncia concreta, sobre a vida miserável dos trabalhadores de fio de algodão, explorados pelos dois patrões: o proprietário da terra onde viviam, e o dono da fábrica.

A partir de testemunhos locais e informações obtidas em jornais, e, em outros textos contemporâneos ao acontecimento, principalmente, na obra de Wilhelm Wolff, *Elend und der Aufruhr in Schlesien* [A miséria e o levante em Schlesien], (1845), Gerhart Hauptmann escreveu *Die Weber* [Os tecelões] com detalhes sobre o cotidiano opressor dos trabalhadores: desnutrição; moradia insalubre e decadente; doenças decorrentes do manuseio intenso com o tear e falta de proteção de leis trabalhistas. Tal situação degradante foi agravada com a introdução dos teares mecânicos.

Desde 1885, Hauptmann mantinha contato com a *Avantgarde* literária-naturalista, e suas novas teorias, entrelaçadas com o pensamento socialista, em uma época conturbada devido à queda de Bismarck (1890) e a abolição das leis trabalhistas de cunho social. (PALMADE, 1974, p. 306-316)

A temática socionaturalista está refletida em *Os Tecelões* em vários aspectos: utilização de fontes; abordagem social; explicação sociológica dos; apresentação de um grupo como protagonistas; indicações cênicas detalhadas e a utilização de dialeto.

A rebeldia é motivada, principalmente, por situação de exceção. Ao comportamento de rebeldes políticos e sociais, que se colocam contra a autoridade do Estado e da ordem social, é concedido certo direito de resistência contra abusos do

poder da autoridade. No entanto, por causa da própria concepção de ordem e leis, as forças instituídas tendem a lutar contra os rebeldes líderes (FRENZEL, 1980, p. 593)

A postura do intelectual Hoffmann diante das questões sociais – a penúria e exploração capitalista dos carvoeiros e dos tecelões, em Schlesien, abordadas, respectivamente nas peças teatrais - *Antes do amanhecer* (1889) e *Os tecelões* (1892)-, causou-lhe inúmeros problemas, mas ele não desistiu da sua militância literária.

O dramaturgo alemão assume um papel crítico, conforme descrito por Sartre: “[...] a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”. Isto é, uma postura de imparcialidade diante da condição humana não seria possível de ser tomada na sociedade capitalista, sendo necessário assumir uma posição de luta por ação e por mudanças: “O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar”. A ação ocorre por meio da palavra. (SARTRE, 1993, p. 20-21)

1. Fontes históricas

Hauptmann, que conhecia os fatos históricos, narrados pelo pai, leu dois livros que documentavam a terrível situação socioeconômica dos trabalhadores do tear, causada pela baixa dos preços devido à concorrência inglesa: *Das Elend und der Aufruhr in Schlesien* [A miséria e o levante em Schlesien], escrito por Wilhelm Wolf, e publicado em Darmstadt (1845); e, *Blüte und Verfall des Leinengewerbes in Schlesien* [Prosperidade e decadência do comércio do linho], de Alfred Zimmermann (1885).

Como um repórter, ele fez duas viagens de estudo, em 1891, para Langenbielau, na província de Schlesien. Ao proprietário do Hotel Paço Prussiano, Hauptmann contou sobre seu interesse pela causa dos tecelões, e, foi considerado como um funcionário do governo, enviado, novamente, como em 1844, para estudar a situação e escrever um relatório a Berlim. No entanto, tal opinião foi mudada, devido aos seus encontros, no próprio hotel, com Max Baginski, partidário dos vermelhos, redator de *O proletário da Serra da Coruja*, que escreveu suas impressões a respeito do escritor: “Não é homem de contacto fácil, sociável. Discreto quase tímido, quieto. Sonhador ensimesmado, pesado, mas – a par disso – um observador do humano, demasiadamente humano, impossível de ser iludido. Não é Goethe, antes Hölderlin”. (THEODOR, 1968, p. XIII-XIV).

Wolff descreveu o perfil do “schlesische Proletarier” em *A miséria e o levante em Schlesien* (1844), (literalizados por Hauptmann com pequenas modificações): a firma Gebrüder Zwanziger pagava 12 a 12, 5 Sgr. por Barchent, flanela rústica de algodão, enquanto que outras pagavam 15 Sgr; e o proprietário teria comunicado a contratação de 300 tecelões pelo preço de 10 Sgr.; teria comentado que iriam trabalhar por uma porção de queijo fresco e que se nada tinham para comer que ingerissem grama.

No dia 2, alguns manifestantes cantaram *Blutgericht* [Tribunal de sangue], na frente da residência da família Zwanziger, em Peterwaldau (5.000 habitantes), um deles foi preso, e, levado aos policiais; dia 4, às 14 horas, um grupo foi até Nieder-Peterswaldaus, organizou os tecelões, em colunas de dois, rumo à casa do fabricante, que destruiu tudo, e, principalmente, os livros de dívidas; demoliu as instalações da fábrica, danificou mercadorias e estoques e distribuiu outras. A família Zwanziger fugiu para Reichenbach; seguiu para Schweidnitz até a capital Breslau. O chefe policial Christ e seu ajudante prenderam alguns que foram libertados pelos colegas. No dia 5, os rebeldes invadiram, novamente, a firma Zwanziger, e destruíram um depósito de fio; armados, seguiram a Langenbielau (13.000 habitantes) até a casa dos fabricantes Gebrüder Dierig (Wilhelm e Friedrich). Um deles colocou um cartaz na janela,

oferecendo o pagamento de 5 Sgr. para cada; um pastor, cunhado dos proprietários, tentou apaziguar; a polícia disparou: 11 mortos; um homem recebeu um tiro na testa .

Na noite do dia 5 para 6, militares prenderam 50. Conforme alguns, seria melhor estar na prisão, pois lá não morreriam de fome (WOLFF, p. 143-149.)

Nas residências dos fabricantes Hilbert und Andretzky, e Dierig (Lagenbielau) abriram garrafas de bebidas com violência e se feriram, segundo o *Berliner Vossische Zeitung*, de 13 de junho de 1844. (SCHWAB-FELISCH; SIEDLER, 1967, p. 125).

Os “adiantamentos”, registrados nos *Schuldbücher* [Livros de dívidas], foram um dos principais motivos para o levante (*Leipziger Zeitung*, de 10 de junho de 1844), com 6000 participantes, que foi considerado por alguns, como “[...] eine Manifestation des Proletariats”, conforme *Kölnische Zeitung*, de 23 de junho de 1844. (SCHWAB-FELISCH; SIEDLER, 1967, p. 110; 120; 128).

A questão da falta de uma liderança organizada é apresentada por Hauptmann: os protagonistas eram agitadores inconseqüentes: o tecelão Bäcker, o ferreiro Wittig e o reservista, Jäger, que ali estava a passeio. A canção *O tribunal de sangue*, conhecida como “A canção dos tecelões”, com fundo musical de *Es liegt ein Schloss in Oesterreich*, foi levada aos trabalhadores do tear por pessoas de fora. Segundo o texto musicado anônimo, didático e doutrinário, Dreissiger, Dierig, e outros fabricantes, considerados “algozes”, “canibais” e “filhos do diabo”, devem ser torturados:

Neste lugar existe um tribunal,
muito pior que o secreto.
Onde não há pronunciamento de sentença
Para tirar a vida rapidamente.
Aqui se martiriza o ser humano.
Aqui fica a sua câmara de torturas,
Aqui suspiros inúmeros são contados
Como testemunhas da miséria.
Os senhores Dreissiger são os algozes,
Os esbirros são seus criados.¹
Cada um deles esfola o próximo,
Sem procurar disfarçar seus instintos.
Todos vós, patifes, filhos do diabo...
exploradores vis, que
engordam às custas dos pobres,
maldição seja vossa recompensa.
Aqui não adianta pedir nem suplicar,
Inúteis são todas as queixas.
“Se não estais contentes, podeis ir
Morrer de fome.”
Faça-se uma idéia desta angústia,
E da miséria destes pobres,
Muitas vezes sem um pedaço de pão em casa,
Não é de se ter piedade?
Piedade, ah! um belo sentimento,
Estranho para vós canibais,
Cada um de vós já sabe o que quer,

¹ Na canção original, os versos são os seguintes: “Die Herrn Zwanziger die Henker sind./ Die Dierig ihre Schergen” [“Os senhores Zwanziger são os carrascos, os Dierig seus algozes”]. (ZIMMERMANN, 1885 (1967), p. 116).

Os irmãos Dierig eram proprietários de uma firma, em Landenbielau, que foi, também, totalmente destruída.

Quereis a pele e a roupa dos pobres. (HOFFMANN, 1968, p. 41-43; 68-69)

Tribunal de sangue tornou-se o *leitmotiv* da peça *Os tecelões*, na qual Dreissiger é o nome literário de Zwanziger.

2- *Os tecelões*: peça da década de quarenta

A desesperadora situação dos tecelões de tear manual, cujo trabalho estava sendo ameaçado pela concorrência externa e pelas máquinas, foi abordada por Goethe em *Willhelms Meister Wanderjahren* (1829); e, refletida em várias canções revolucionárias, em 1844, ano do levante dos tecelões da Schlesien: *Das Blutgericht* e *Renegaten- und Kommunistische Lieder*, anônimos; *Prolog zum Lebenden Bilder*, de Gustav Freytag; e *Aus dem schlesischen Gebirgen*. (FRENZEL, 1983, p. 784). Heinrich Heine publicou, no mesmo ano, *Die schlesischen Weber* [Os tecelões silesianos], que sentados no tear, com olhos secos e sem lágrimas, mostram os dentes e dizem: “*Deutschland, wir weben dein Leichentuch, [...]*”. [“Alemanha, nós tecemos a tua mortalha”.] (SCHWAB-FELISCH; SIEDLER, 1967, p. 153). Em 1897, Käthe Kollwitz desenhou *Weberzug*, que apresenta em primeiro plano uma mãe envelhecida, carregando um pequeno filho adormecido nas costas, em meio a uma multidão de tecelões armados.

O plano para a escrita de *Os tecelões*, concluída, em novembro de 1891, em dialeto, foi desenvolvido, em Zürich, no outono de 1888, e, ampliado na primavera, em Berlim (novembro de 1890). Com o subtítulo: peça da década de quarenta, *Os tecelões* é dedicada ao pai do autor: “Querido pai, se lhe consagro este drama, movem-me a isso sentimentos que você conhece e cuja análise não se faz aqui necessária. O que você contava sobre o avô, que, quando moço, pobre tecelão, como os aqui retratados, ficava debruçado por sobre o tear, tornou-se o cerne de minha obra, que, quer esteja impregnada de vitalidade, quer de fragilidade, é no entanto o melhor que “um pobre homem como Hamlet” tem para dar”. (HOFFMANN, 1968, p. XXVII). O caráter de veracidade histórica da peça teatral é destacado não somente no subtítulo, mas também no comentário de Hauptmann, depois da lista do nome das personagens: “Os precedentes desta obra verificam-se na década dos quarenta em Kaschbach, no Maciço da Coruja, como também em Peterwaldau e em Langenbielau, no sopé da Coruja”.

Em 5 atos, apresentados como quadros quase autônomos, Hauptmann descreve situações de miséria absoluta e de opulência, em diversos lugares: Peterswaldau, comunidade ao norte do sopé da Montanha da Coruja, distrito de Reichenbach, um lugar famoso na indústria de tecelagem silesiana; Kaschbach, aldeia de tecelões, e, a cidade de Langenbielau, cerca de 6 Km. de Peterwaldaus; e em um casebre rural na região.

De forma cronológica são apresentados os seguintes eventos: em Peterwaldau, entrega de material tecido em tear caseiro; reclamações sobre o pouco dinheiro recebido; Bäcker ofende o fabricante Dreissiger e é demitido (1. Ato); retorno do velho Baumert ao seu casebre; visita do sobrinho Jäger, apresentação da canção *Tribunal de Sangue*; entusiasmo de Ansorge e Baumert (2. Ato); discussões em um bar-restaurante, entre tecelões e demais sobre a situação econômica; ofensas ao carpinteiro, agricultor, guarda-florestal e ao guarda; o ferreiro Wittig, Jäger e Bäcker organizam a marcha até a casa de Dreissiger (3. Ato); o fabricante hospeda o pastor Kittelhaus e esposa; Weinhold, o professor particular, defende os tecelões e é demitido; Bäcker, aprisionado, é levado até o patrão; o pastor sai e é agredido, bem como o delegado e seu ajudante; Pfeifer quase é linchado; o fabricante e família fogem; a massa invade e destrói casa e fábrica (4. Ato); e, o povo segue até Lagenbielau; Hilse cai, vítima de bala perdida.

O 1., 2. e 3. atos apresentam fatos ocorridos no final do mês de maio; no 4. ato são descritos acontecimentos em junho de 1844: dia 4. (4. ato) e dia 5 (5. ato). Gerhart Hauptmann descreve minuciosamente, em suas indicações cênicas, a situação de aniquilamento dos tecelões: reflexo de uma vida de privações pelo número excessivo de impostos, e de outras despesas; número grande de familiares; doenças; más colheitas; e, principalmente pelo trabalho com o algodão (limpar, lavar e torcer o fio; colocar no tear de pedal; respirar o pó do produto; gastar a visão na concentração em si, agravado no trabalho noturno). No 1. Ato, é feita uma descrição física e psicológica detalhada sobre os tecelões (homens e mulheres), reunidos em uma sala da fábrica de Dreissiger, a fim de entregar o material tecido a Pfeifer, para pesagem e verificação:

Dazu kommt ein starrer Zug resultatlosen, bohrenden Grübelns in allen Mienen. Die Männer, einander ähnelnd, halb zwerghaft, halb schulmeisterlich, sind in der Mehrzahl flachbrüstige, hüstelnde, ärmliche Menschen mit schmutziggelber Gesichtsfarbe: Geschöpfe des Webstuhls, deren infolge vielen Sitzens gekrümmt sind. Ihre Weiber zeigen weniger Typisches auf den ersten Blick; sie sind aufgelöst, gehetzt, abgetrieben – während die Männer eine gewisse klägliche Gravität zur Schau tragen – und zerlumpt, wo die Männer geflickt sind. Die jungen Mädchen sind mitunter nicht ohne Reiz; zarte Fromen, grosse, hervorstehende, melancholische Augen sind ihnen dann eigen. (HAUPTMANN, 1953, p. 9) ²

Um morador local, que nunca se interessou pelo trabalho no tear, Moritz Jäger retorna da cidade, onde prestou o serviço militar, para visitar seus parentes, os Baumert. Apesar de saber da miséria, traz consigo, somente uma garrafa de bebida alcoólica, tamanha é a sua insensibilidade social. De fato, aparece para doutrinar: discute com o Velho Baumert e com Ansorge sobre as péssimas condições no tear e lê, com ódio e conclamação à ação e à vingança, *Tribunal de Sangue*:

JÄGER- Wenn's mehr ni is. das sollte mir nidruf ankommen; dahier! den alten Fabrikantenräudeln. den wollt ich viel zu gerne amal a Lied ufsiel'n. Ich tät m'r nischt draus machen. Ich bin a umgänglicher Kerl, aber wenn ich amal falsch wer und ich krieg's mit der Wut, da nehm ich Dreissichern in de eene, Dittrichen in de andre Hand und schlag se mit a Keppen an'nander, dass'n n 's Feuer aus a Augen springt.- Wenn mir und m'r kennten's ufbringen, dass m'r zusammenhielten, da kennt m'r a Fabrikanten amal an solchen Krach machen... Da braucht m'r keen'n Keenich derzu und keene Regierung, da kennten m'r eenfach sagen: mir woll'n das und das und aso und aso ni, und da werd's bald aus een'n ganz andern Loche feifen dahier. Wenn die ock sehn, dass ma Krein hat, da ziehn se bald Leine. Die Betbrieder kenn ich! Das sein gar feige Luder. [...]
ANSORGE- schleudert den Korb in die Ecke, erhebt sich, am ganzen Leibe, zitternd vor Wut, stammelt hervor: Und das muss anderscher

² Acrescente-se a isso um traço rijo em todos os rostos, resultado de infrutífera e cansativa reflexão. Os homens, parecidos uns com os outros, todos mirrados, meio submissos são na maioria pessoas pobres, de peito cavado e tosegeosas, cujos rostos apresentam um colorido pálido-sujo: criaturas do tear, de joelhos dobrados devido a suas longas horas de trabalho. Suas mulheres, à primeira vista, não têm tantos traços típicos; têm ar desanimado, atemorizado desacorçoado – enquanto os homens ostentam uma gravidade um tanto forçada – e andrajosas, quando os homens usam roupas remendadas. As mocinhas, às vezes, têm certos encantos; neste caso destacam-se por palidez cerácea, formas delgadas, grandes olhos saltados e melancólicos. (HAUPTMANN, 1968, p. 4).

werm, sprech ich, jetzt uf der Stelle. Mir liden´s nimehr, mag kpmmen, was will. (P. 35-36; 39)³

No 3. Ato, inicia-se o processo de insuflação dos tecelões, manipulados por líderes politizados, o tecelão Bäcker, o ferreiro Wittig e o reservista Moritz Jäger, que pregam a revolução social por meio da confrontação, baseados no exemplo da fúria popular e do ataque ao palácio de *Versailles*, no início da Revolução Francesa. O Velho Baumert acredita que é possível mudar as coisas de um modo pacífico, mas o ferreiro discorda totalmente. Por ter um estilo falastrão, Wittig é desafiado por Jäger a agir:

WITTIG- Uma porcaria vai-se arranjar, mas nada por bem. Já viu conseguir-se uma coisa dessas por bem? Na França, por acaso? O Robespierre será que acariciou os ricos? Ouvi-se só dizer: Allez, allez desapareçam! Nada melhor que subir na guilhotina. Assim tem-de ir, allons enfants. Os gansos assados não caem do céu para ninguém – têm de ser conquistados. [...]

JÄGER- Wittig, escute uma vez que o que tenho a dizer. Você sempre falou tanto da revolução francesa. Sempre encheu a boca com essas histórias. Talvez se apresente agora uma oportunidade para demonstrar a verdade: Se você é um homem de palavra ou um simples faroleiro. (P. 62 e 64)

Ao guarda Kutsche, que os advertira sobre o perigo de cantar, novamente, *Tribunal de sangue*, o ferreiro o ameaça: “[...] e se cantarmos tanto que as casas de todos os fabricantes desmorem sobre suas cabeças e os capacetes policiais balancem sobre a cabeça dos delegados – ninguém tem nada a ver com isso”. (P. 67)

Cantando, um grande número de tecelões enfurecidos, liderados por Jäger, Bäcker e Wittig, ataca a casa do patrão Dreissiger, e a destrói, totalmente, bem como as instalações da fábrica. Durante o tumulto, Dreissiger e o pastor Kittelhaus tentam compreender o processo de transformação ocorrido entre os tecelões: de “pessoas pacientes e dóceis” e “ gente decente e ordeira” (Dreissiger) a “verdadeiros lobos” (Kittelhaus). O fabricante atribui a conscientização dos tecelões à influência dos “utopistas” e às “sociedades e comissões de assistência ao tecelão” :

DREISSIGER- Certamente. Eles eram pacientes e dóceis. Antigamente eram uma gente decente e ordeira. Isso, é claro, só durou enquanto esses utopistas não se intrometeram. Essa gente foi suficientemente esclarecida quanto à terrível miséria em que se encontra. Reflita um pouco: todas essas sociedades e comissões de assistência ao tecelão. Por fim ele acabou acreditando em tudo isso e agora endoideceu de vez e não há quem o faça voltar ao bom senso. Agora ele vai em frente. Agora ele reclama sem parar e nada está bom para ele. Agora ele quer do bom e do melhor.

³ JÄGER- Se fosse só isso. Se dependesse de mim; bem que gostaria de ensinar essa corja de fabricantes. Não me importaria. Sou um sujeito cordato, mas se me enfezo, pego o Dreissiger com um punho, o Dietrich com o outro e faço as cabeças deles estalarem até sair fogo de seus olhos. Se conseguíssemos nos manter unidos, poderíamos impor a nossa vontade aos fabricantes... Aí não poderíamos dizer simplesmente: queremos isso e aquilo outro, queremos desse jeito e não de outro, e daqui a pouco as coisas andariam de maneira diferente por aqui. Se eles virem que temos peito, logo estarão encolhendo o rabo. Conheço esses beatos! São uns covardes. [...]

ANSORGE- (*Arremessa o cesto no chão, levanta-se, tremendo em todo o corpo de raiva, balbucia.*) Isso precisa mudar, digo eu, que aqui estou. Não vamos permitir que continue assim, não vamos permitir, aconteça o que acontecer. (HAUPTMANN, 1968, p. 39 e 43)

KITTELHAUS- E com todo esse humanismo a única coisa que conseguiram foi, em pouco tempo, transformar cordeiros em verdadeiros lobos. (P. 84)

Apesar da situação alarmante, diante de sua mansão, Dreissiger prossegue sua conversa com o pastor, relatando suas perspectivas: Ele espera que, as autoridades da área econômica tomem atitudes protecionistas, por causa das dificuldades aduaneiras e altos impostos (mercado externo), e pela própria concorrência interna. O fabricante critica a “passividade” do governo diante do caos na tecelagem alemã:

DREISSIGER- Qual nada! Refletindo com isenção de ânimo, Sr. Pastor, pode-se talvez até encontrar um lado positivo em tudo isso. Creio que tais acontecimentos não passarão despercebidos aos olhos dos círculos dirigentes. É de esperar-se, portanto, que eles se convençam que isso não pode continuar assim, que algo precisa acontecer, se é que queremos preservar nossa indústria local da ruína completa.

KITTELHAUS- Sim, mas o senhor pode dizer-me de que depende esse enorme retrocesso?

DREISSIGER- O estrangeiro impede nossa exportação através de dificuldades aduaneiras. Os melhores mercados estão-nos, assim, interditados e no mercado interno precisamos, igualmente, fazer frente a uma concorrência de vida ou de morte, pois fomos entregues à nossa própria sorte. (P. 84)

Na última cena, é descrita a chegada da massa enfurecida a Langenbielau, para destruir os teares mecânicos. Considerado como o “Boten aus der Fremde” (BAUMANN; OBERLE, 1985, p. 171), o reservista Jäger, e outros, invade a casa dos Hilse. Ele assume seu lado agressivo, ao tentar agredir o patriarca, que perdeu um braço na guerra napoleônica. Hilse recusava o confronto por acreditar na justiça divina:

HILSE- [...] E fiquem todos sabendo: vocês e eu, nós nada temos em comum. Se fosse por mim, vocês não estariam aqui. De acordo com a lei, vocês nada têm a xeretar por aqui.

UMA VOZ- Quem não está do nosso lado, está contra nós.

JÄGER- (*Ameaçando brutalmente.*) Você está muito enganado. Ouça, velho, não somos ladrões.

UMA VOZ- Temos fome, nada mais.

PRIMEIRO JOVEM TECELÃO- Queremos viver, nada mais. E por isso cortamos a corda que apertava o nosso pescoço.

JÄGER- E fizeram muito bem! (*Segurando o punho diante do rosto do velho.*) Se você disser mais uma palavra, lhe parto a cara.

BÄCKER- Calma, calma! Deixe o velho. Pai Hilse: pensamos assim: antes morto do que recomeçar uma vida dessas. (P. 114)

Indignado com a situação, Hilse continua a trabalhar no tear, colocado na frente da janela, apesar dos tiros disparados contra os manifestantes furiosos. Atingido por uma bala perdida, o antigo soldado cai e provoca uma comoção nos familiares: uma cena triste, emocionante e profundamente lírica: a fala da netinha e da esposa do velhinho:

MIELCHEN- Vovôzinho, vovôzinho, estão enxotando os soldados da aldeia, assaltaram a casa de Dietrich, estão fazendo o mesmo que fizeram com a casa de Dreissiger. Vovôzinho!/? (*A criança se assusta,*

sua atenção está desperta, ela põe o dedo na boca e se aproxima cuidadosamente do morto.)

MÃE HILSE- O que é isso, velho, diga uma palavra, você até mete medo na gente. (P. 120)

May descreve *Os tecelões* como “[...] eine Revolution ohne Führer wie ohne Geist oder Idee”. (MAY, 1958, p. 161), e, comenta sobre o final do drama, no qual ocorre, uma mudança para o espiritual, mas totalmente visível para o religioso [”eine Wendung ins Geistige, ins Geistliche überraschend aber eindeutig sichtbar”]. P. 164.

O final épico “aberto” da peça: a confrontação terrível entre policiais e civis armados, com muitas mortes-, reflete uma não-característica do drama clássico. Um dos elementos naturalistas, exemplificados nos 5 atos, nos quadros “fechados”, apresentam um “pedaço” da realidade opressora. Anatol Rosenfeld comenta:

Em *Os Tecelões*, em particular, a atitude de compaixão do autor, atitude que implica certa distância épica do autor em face das personagens que, em vez de atuarem por si, são “mostradas” a partir da perspectiva da piedade. Essa atitude “demonstrativa”, aliás, é bem típica para o autor burguês que escreve para um público burguês sobre o proletariado. É preciso mostrar, explicar, comentar e descrever o ambiente em que vive esta classe “desconhecida”. Na peça clássica e mesmo na tragédia burguesa posterior não há essa “distância”. Autor, personagens e público se confundem numa unidade de escol, refletindo-se mutuamente. O mesmo caráter demonstrativo se manifesta também no uso do dialeto e da gíria. (ROSENFELD, 1997, p. 143)

A fama de Hauptmann como “*Dichter des sozialen Mitleids*” [Escritor da compaixão social”] é confirmada em *Os tecelões*, no qual ele consegue apresentar uma estrutura social convincente, onde até mesmo as pequenas pessoas, à margem da sociedade, mostram uma consciência com contornos bem definidos: o fabricante Dreissiger com sua ideologia enfática; que tem como funcionário, Pfeifer, antigo tecelão em ascensão, que humilha e explora os demais; o pastor Kittelhaus, que atua com a ajuda e reconhecimento dos ricos e é afagado por isso; o professor particular Weinhold, que defende a justiça social, mas que não pode expressar sua opinião enquanto estiver a trabalho na casa de Dreissiger. (KIENZLE; NEDDEN, 1996, p. 485)

2.1-Hauptmann, o intelectual engajado: a recepção da obra e a censura

Com temática explosiva - a miséria dos tecelões, a ira popular, a invasão e destruição das casas e fábricas, a peça *Os tecelões* concluída, no final de 1891, em dialeto, foi apresentada, no dia 20 de fevereiro de 1892, à Divisão de Censura do Departamento de Segurança Pública de Berlim (*Polizeipräsidium*) e foi recusada. No dia 2 de março de 1892, o escritor a alterou, a reapresentou aos órgãos de censura, mas ela foi recusada, novamente, e em outras ocasiões (em 22 de dezembro e 4 de janeiro de 1893). (SCHWAB-FELISCH; SIEDLER, 1967, p. 262)

Por meio de seu advogado, Richard Grelling, Hauptmann apresentou queixa, em 14 de janeiro de 1893, e informou que em nenhum momento pensou em escrever um documento do Partido Socialdemocrata, e sim, apelar para a compaixão dos proprietários das fábricas. (MAY, 1958, p. 157) Somente, no dia 26 de fevereiro de 1893, a peça foi encenada na *Freie Bühne*. No dia 25 de setembro de 1894, a apresentação de *Die Weber*, no *Deutschen Theater Berlin*, foi tão tumultuada, que o

Imperador Wilhelm II cancelou o camarote imperial, devido ao “tom revolucionário” e à “tendência desmoralizante” da peça teatral. (THEODOR, 1968, p. XIX).

A peça *Os tecelões* tornou-se um dos mais evidentes símbolos das pessoas sofredoras, pois Hauptmann não apresentou o herói dramático individual, mas sim um grupo, uma possibilidade ainda contestada por Hebbel. (MANN, 1960, p. 477)

Para os críticos literários da antiga Alemanha Oriental (DDR), a peça teatral de Hauptmann, apresenta a vida dos tecelões como reflexo das consequências da produção capitalista e do contraste entre burguesia e proletariado, em cenas vivas e convincentes. Eles a classificam como o grande drama de revolução da literatura alemã, depois da apresentação de *Dantons Tod*, de Büchner. (BÖTTCHER; GEERDTS, 1981, p. 504).

Conclusão

Pelo seu engajamento social e literário, Gerhart Hauptmann, considerado por alguns como subversivo, e, por outros como ativista, foi chamado, na época, de “Goethe dos sindicatos”, embora tenha sempre afirmado que sua obra não era partidária:

Numa caricatura da época, Hauptmann aparece ao lado de Ibsen, cada qual empurrado por um policial, presos de acordo com um novo projeto de lei, especialmente destinado aos escritores subversivos. Quanto ao autor, considerava a sua obra como sendo “certamente social mas não socialista”, já que via a indignação dos tecelões “pelos óculos de nenhum partido”. Hauptmann tende a conceber os conflitos individuais e sociais como expressão de um antagonismo metafísico, radicado na própria criação. É óbvio que semelhante cosmovisão trágica e fatalista não se coaduna com o ativismo social, essencialmente otimista. Ainda assim se nota a influência das lutas que o partido social-democrata travava então na Alemanha em prol das reivindicações do proletariado. Mas o apelido dado naqueles anos a Hauptmann – de “Goethe dos sindicatos” – certamente não se ajusta a ele. (ROSENFELD, 1997, p. 103-104)

O Imperador Willhem I, devido ao caráter denunciatório de *Os tecelões*, recusou o Prêmio Schiller ao autor, em 1896. Apesar de tal medida arbitrária, resultante da censura à sua obra, Gerhart Hauptmann continuou a se comprometer com as causas sociais e a se utilizar da palavra como ação contra as arbitrariedades. Seu engajamento militante (Sartre) e o nível artístico de sua ampla produção literária foram reconhecidos em nível internacional, e, ele recebeu o Prêmio Nobel da Literatura, em 1912.

Referências Bibliográficas

- BAUMANN, Barbara; OBERLE, Birgitta. Deutsche Literatur in Epochen. München: Max Huber Verlag, 1985.
- BEISBART, Ortwin. Gerhart Hauptmann: Die Weber. In: LEHMANN, Jakob. (Org.). Kleines deutsches Dramenlexikon. Königstein/Ts.: Athenäum, 1983. p. 152-158.
- BÖTTCHER, Kurt; GEERDTS, Hans Jürgen (Orgs.). Kurze Geschichte der deutschen Literatur. Colaboração de Rudolf Heukenkamp. Berlin: Volk und Wissen Volkseigener Verlag, 1981.
- DER WEBERAUFSTAND. In: FRENZEL, Elisabeth. Stoffe der Weltliteratur: ein Lexikon dichtungsgeschichtlicher Längstschnitte. 6. verbesserte und um ein Register erweiterte Auflage. Stuttgart: Alfred Kröner, 1983. p. 783-787.

GERHART HAUPTMANN. In: KIENZLE; Siegfried; NEDDEN, Otto C. A. zur (Orgs.). Reclams Schauspielführer. 20 ed. Stuttgart: Philipp Reclam, 1996. p. 477-499.

HAUPTMANN, Gerhart. Die Kunst des Dramas. In: MEYER, Theo (Org.). Theorie des Naturalismus. Introdução de T. Meyer. Stuttgart: Phillip Reclam, 1973. p. 288- 290

_____. Die Weber: Schauspiel aus den vierziger jahren. In: _____. Ausgewählte Werke. Gütersloh: C. Bertelsmann Verlag, 1953. v.1. p. 5-92.

_____. Os tecelões. Tradução de Marion Fleischer e Ruth Mayer Duprat. Introdução de Erwin Theodor. São Paulo: Brasiliense, 1968. (Série teatro universal; 31).

MANN, Otto. Geschichte des deutschen Dramas. Stuttgart: Alfred Kröner, 1960.

MAY, Kurt. Hauptmann- Die Weber. In: WIESE, Benno von. (Org.). Das deutsche Drama: Vom Barock bis zur Gegenwart; Interpretationen. Düsseldorf: August Bagel Verlag, 1958. p. 157-165.

PALMADE, Guy (Org.). Das bürgerliche Zeitalter. Frankfurt/M: Fischer Taschenbuch Verlag, 1974. (Fischer Weltgeschichte; 27).

REBELL. In: FRENZEL, Elisabeth. Motive der Weltliteratur: ein Lexikon dichtungsgeschichtlicher Längstschnitte, 2. verb. und um ein Register erw. Auflage. Stuttgart: Alfred Kröner, 1980. p. 592-607.

ROSENFELD, Anatol. História da literatura e do teatro alemão alemães. São Paulo; Campinas: Edunicamp, 1993. cap. 1.13- O Naturalismo (1880-1900), p. 111-115; cap. 2.6- Do Romantismo ao Naturalismo, p. 263-274. (Debates; 255)

_____. Teatro Moderno. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. cap. 7- Hauptmann; 7.1- Ausência de Gerhart Hauptmann, p. 93-100; 7.2- As indecisões de H., p. 100-107.

SARTRE, Jean- Paul. *Que é a literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SCHWAB-FELISCH, Hans; SIEDLER, Wolf Jobst. Gerhart Hauptmann- Die Weber: Vollständiger Text des Schauspiels: Dokumentation. Frankfurt/M; Berlin: Ullstein Bücher, 1967.

THEODOR, Erwin. Introdução. In: HAUPTMANN, Gerhart. Os tecelões. Tradução de Marion Fleischer e Ruth Mayer Duprat. Prefácio de Erwin Theodor. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. XIII-XXV.

_____. Recursos expressivos na evolução da obra dramática de Gerhart Hauptmann. São Paulo: FFLCH/USP, 1964.

WOLFF, Wilhelm. Das Elend und der Aufruhr in Schlesien. In: SCHWAB-FELISCH, Hans; SIEDLER, Wolf Jobst. Gerhart Hauptmann- Die Weber: Vollständiger text des Schauspiels: Dokumentation. Frankfurt/M; Berlin: Ullstein Bücher, 1967. p. 133-152.

ZIMMERMANN, Alfred. Blüte und Verfall des Leinengewerbes in Schlesien. Breslau, 1885. In: SCHWAB-FELISCH, Hans; SIEDLER, Wolf Jobst. Gerhart Hauptmann- Die Weber: Vollständiger text des Schauspiels: Dokumentation. Frankfurt/M; Berlin: Ullstein Bücher, 1967. p. 115-118.